
Giacomo Leopardi: Poesia e Prosa, organizado por Marco Lucchesi. Traduções de Affonso Félix de Sousa... et al.. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp 1032.

Fruto do incessante trabalho de Marco Lucchesi, que é crítico, ensaísta, poeta, tradutor e incansável divulgador das letras italianas no Brasil – Lucchesi já traduziu Tasso, Vico, Eco etc., a edição *Giacomo Leopardi: Poesia e Prosa* é uma das poucas, senão a única, nesse tipo, mesmo se comparadas às estrangeiras, pois além de uma Cronologia da Vida e da Obra e Iconografia, o livro apresenta uma seleção dos mais importantes ensaios sobre o poeta de Recanati escritos por críticos e estudiosos de várias épocas e nacionalidades, dentre os quais destacam-se os italianos Benedetto Croce, Francesco de Sanctis e Walter Binni; o francês Sainte-Beuve e os brasileiros Alfredo Bosi e Haroldo de Campos.

Depois dos ensaios críticos, em edição monolíngüe, o leitor depara-se com a poesia completa leopardiana - 41 *Canti*, que foram compostos ao longo dos seus vinte

anos de vida adulta e aqui são traduzidos por nomes como Affonso Félix de Sousa, Alexei Bueno, Álvaro Antunes, Ivan Junqueira, Ivo Barroso e José Paulo Paes. Esses poemas retratam o pessimismo profundo, a angústia, mas também as ilusões e esperanças do autor italiano.

Vale salientar que Lucchesi opta por acrescentar à sua edição várias traduções do poema que, segundo Haroldo de Campos, “marcou o apogeu da lírica leopardiana” (1977: 186), isto é, “L’Infinito”.

No Brasil, esse poema foi um dos mais traduzidos: de Vinícius de Moraes, Tavares Bastos, A. Herculano de Carvalho, passando por Pontes de Paula Lima, Haroldo de Campos, Mário Faustino, Ivo Barroso entre outros.

Cabe destacar a tradução realizada por Haroldo de Campos, pois apesar de ele acentuar a importância dos aspectos formais na tradução de poesia, poderíamos dizer que na tradução do “L’Infinito”, ele realiza uma das melhores versões desse poema, conservando na língua de chegada tanto os aspectos semânticos quanto os formais do poema.

Como se sabe, o procedimento de respeitar literalmente o texto de

partida nem sempre é a melhor solução em se tratando de tradução poética, se deseja reconstruir não apenas a unidade do significado mas a textura poética, partindo acima de tudo do impulso rítmico e reproduzindo as linhas de força do texto de partida. Todavia, há situações contextuais em que a justaposição é, não só aceitável, como a única solução no sentido de respeitar a própria consistência da linguagem poética.

Na organização da prosa de Leopardi, traduzida ao português por quatro italianistas: Ana Thereza Vieira, Mauricio Dias, Vera Horn e Vilma Barreto, encontram-se os escritos dos *Opúsculos Morais* (1824) – obra de cunho satírico, ético e moral; os seus *Pensamentos*; parte da vasta *Correspondência* do escritor; e páginas escolhidas do *Zibaldone di Pensieri* (1817-1832).

O prosador das *Operette Morali* aparentemente teve a sua primeira e única tradução em português brasileiro em 1992, realizada pela professora Vilma De Katinszky Barreto de Souza, editada pela Hucitec/Istituto Italiano di Cultura/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, e incluída nessa edição.

Dois aspectos me chamam a atenção na tradução de uma das

Operette morali: “Il dialogo della Natura e un Islandese” (1824). O primeiro é que a profa. Wilma de K. Barreto consegue, com a sua tradução, reproduzir com clareza o denso pensamento leopardiano, quando, por exemplo, aproxima sujeito e verbo, que no texto leopardiano estão distantes e de difícil acesso, como no seguinte passo:

Islandese. [...] Tutte le quali incomodità in una vita sempre conforme a se medesima, e spogliata di qualunque altro desiderio e speranza, e quasi di ogni altra cura, che d’esser quieta; riescono di non poco momento, e molto più gravi che elle non sogliono apparire quando la maggior parte dell’animo nostro è occupata dai pensieri della vita civile, e dalle avversità che provengono dagli uomini. [...]

Islandês. [...] Numa vida sempre em conformidade consigo mesma e despojada de todo e qualquer desejo e esperança, preocupada apenas em viver tranqüilamente, tais incomodidades permanecem por muito tempo e são muito mais graves do que costumam parecer, quando a maior parte do nosso espírito se ocupa das

preocupações da vida civil e das adversidades, que provêm dos homens. [...] (p 359)

O segundo aspecto é que nessas *Operette*, que o próprio Leopardi define como “poesia in prosa”, o ritmo, a pontuação, a escolha lexical, a ordem na combinação das palavras, não são de secundária importância. Muitas vezes, Leopardi usa trechos longos, com abundante emprego de ponto e vírgula, tornando árdua a leitura das *Operette* mesmo para o leitor italiano médio. Alterar esse tipo de escolha do autor, implica redução de intensidade. É o que parece acontecer em algumas passagens da tradução brasileira, que prefere normalizar o uso da pontuação.

Quanto ao *Zibaldone di Pensieri*, convém sublinhar que foi somente nessa edição, - quase cem anos após a primeira publicação italiana -, por iniciativa de Marco Lucchesi, que foram traduzidos ao português fragmentos das quase 4000 páginas contidas no manuscrito. O *Zibaldone di Pensieri*, caracterizado como “caos escrito”, “diário”, “livro paralelo” etc, traz ao leitor uma série de reflexões de caráter literário, lingüístico, filológico, estético, filosófico, religioso, político etc, ainda não recebeu

nenhuma tradução integral (nem sequer ao inglês e ao francês).

As traduções existentes têm sido até agora monolíngües, compiladas em forma de antologia, sempre acompanhadas de notas biográficas e introdução como é o caso das edições publicadas na Itália, na Espanha, na França e nos Estados Unidos.

Seguindo este padrão, freqüente nas traduções de longos textos ensaísticos, Marco Lucchesi dispõe tematicamente (diferenciando-se, assim, das outras antologias) os trechos traduzidos do *Zibaldone* em três partes: “Considerações Estéticas”; “O Homem e o Universo” e “Considerações Filosóficas”, totalizando 139 páginas, cuja tradução esteve a cargo de Vera Horn.

A tradução é, de maneira geral, bastante precisa, ficando bem próxima do texto original, aspecto importante quando se traduz um texto argumentativo. Contudo, o uso freqüente do pronome *vós*, por exemplo, parece tornar a tradução distante do português falado no Brasil de hoje.

Talvez essa escolha deva-se à preocupação de manter o texto traduzido o mais próximo possível da língua italiana, que usa o *voi* (formalmente similar ao *vós* português) no dia-a-dia. O

problema é que em português do Brasil o equivalente pragmático é *vocês*, não *vós*, um pronome hoje em desuso no país.

É o caso, por exemplo, do 17º fragmento inserido nas “Considerações estéticas”:

“**Experimental** (grifo meu) respirar artificialmente e realizar intencionalmente algum dos muitíssimos atos que se realizam naturalmente; não podereis, senão à força de padecimentos e danos [...]” (p 556).

São problemáticas também algumas escolhas lexicais de Vera Horn. Em muitas passagens, a tradutora opta por um vocabulário rebuscado como *mormente* (p 586), *agasta* (p 587), *soía* (p 599), *fealdade* (p 599), *galhardas* (p 661), entre outras.

Com esse tipo de escolha – aliás, demasiado usuais nas traduções de textos teóricos entre nós – Vera produz um tipo de texto que está talvez mais de acordo com o padrão de textos argumentativos brasileiros do que de Leopardi, que em seus escritos críticos e teóricos não parece privilegiar um léxico arcaico ou raro. Ao contrário, apesar de toda a sua erudição, sempre defendeu (inclusive no *Zibaldone*) a tese de que a

simplicidade é um dos elementos que embelezam os textos.

Afora essas observações, resta parabenizar Vera Horn pela corajosa tarefa de traduzir uma obra desconhecida entre nós, introduzindo o leitor brasileiro nas reflexões leopardianas, possibilitando conhecer a grandeza e a riqueza dos ensaios leopardianos, pois Leopardi é famoso como poeta, mas pouco conhecido como prosador e praticamente desconhecido como ensaísta.

Giacomo Leopardi - Poesia e Prosa nos permite percorrer páginas do “maior escritor que a Itália teve depois de Dante e Petrarca”, estimulando nossa sensibilidade, além, é claro, de contribuir para estreitar os laços culturais ítalo-brasileiros.

Andréia Guerini

Obras completas II, de Jorge Luis Borges, tradução de Sérgio Molina, Josely Vianna Baptista, Leonor Scliar-Cabral, Nelson Ascher, Carlos Nejar & Alfredo Jacques e Hermilo Borba Filho. São Paulo: Globo, 1999, 565 pp.
